

A HOMOSSEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL

BRITO, Vaneska De Souza
Acadêmica do Curso de Psicologia (UNIVAG)
CORREIA, Aline Carvalho
Acadêmica do Curso de Psicologia (UNIVAG)
SANTOS, Karina Aparecida
Acadêmica do Curso de Psicologia (UNIVAG)

RESUMO

Este ensaio teórico discute a vivência da homossexualidade na terceira idade. Para isso, utilizamos os pressupostos da psicologia social enquanto aporte teórico que destaca a construção do sujeito no meio social, proporcionando uma nova forma de questionamento sobre a homossexualidade, as estruturas de relacionamento do sujeito, a não aceitação social e familiar, com ênfase nos discursos religiosos acerca da homossexualidade. Além disso, pensar em formas de atuação do psicólogo, pode contribuir para o bem-estar e/ou uma saúde psíquica que vise qualidade de vida para esses indivíduos que passam por conflitos devido a sua nova perspectiva de vida. Este estudo consiste em um ensaio teórico. Como resultado foi possível identificar que há carência de pesquisas relacionadas à questão do acolhimento e das intervenções específicas para o bem-estar social de homossexuais na terceira idade, mostrando como é relevante problematizar e levantar uma discussão a respeito dessa faixa etária que por vezes é esquecida quando a discussão é sexualidade.

Palavras Chave: Envelhecimento. Homossexualidade. Psicologia Social. Religião.

HOMOSEXUALITY IN THE THIRD AGE: CONTRIBUTIONS OF SOCIAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT

This theoretical essay discusses the experience of homosexuality in the third age. To this end, we used the assumptions of social psychology being the constructor of the subject in the social environment, which provides a new way of questioning about homosexuality, the structures of relationship of the subject, social and family non-acceptance, and with emphasis on religious discourses about homosexuality. In addition, think of ways the psychologist works, which can contribute to the well-being and / or a psychic health that aims at quality of life for those individuals who are experiencing conflicts due to their new perspective of life. This study consists of a theoretical essay. As a result, it was possible to identify that there is a lack of research related to the question of hosting and specific interventions for the social well-being of homosexuals in the elderly, which shows how relevant it is to problematize and raise a discussion about this age group that is sometimes forgotten when the discussion is sexuality.

Keywords: Aging. Homosexuality. Social Psychology. Religion.

Introdução

Por qual razão precisamos falar sobre a homossexualidade na terceira idade?

A partir da reflexão de como se dão as experiências homossexuais para um ser humano na terceira idade, em um mundo que, historicamente, através de seus discursos sobre essa “condição de ser”, identifica o sujeito como sodomita, pervertido, criminoso, anormal e doente (GUIMARÃES, 2009, p.554), utilizamos este trabalho para problematizar e compreender os desafios enfrentados pelos homossexuais na terceira idade, relacionando à aceitação, o fato de tornar pública a sua sexualidade em face da influência da religião nesse contexto.

Para tal, apropriamo-nos dos pressupostos da Psicologia Social a fim de falar do desenvolvimento do Ser, tendo em vista que essa ciência busca estudar o comportamento do indivíduo e no que ele é influenciado socialmente.

Segundo Lane (1994), essa influência ocorre desde o momento em que nascemos, e até mesmo antes do nascimento, devido as condições históricas que deram a origem a uma família. Contudo, a grande preocupação dessa psicologia atualmente é não somente conhecer o homem, mas como ele se insere nesse processo histórico, de forma a transformar a sociedade em que vive.

Sendo assim, há a necessidade de abrir novos questionamentos sobre o envelhecimento dos homossexuais, expondo algumas preocupações e dados que precisam receber atenção, enfatizamos a pertinência do presente estudo. Conforme a Secretaria dos Direitos Humanos, o grupo com mais de 65 anos avançou de 5,9% em 2000 para 7,4% em 2010. Com esse novo índice, vem à tona novos debates sobre o bem-estar dessa população e a inserção dela no novo cotidiano. Até 2050, é possível estimar que haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos, atingindo 22% da população global.

Pouco se fala sobre os idosos homossexuais, assim como os desafios que eles podem enfrentar. As pesquisas voltadas a essa questão são imprecisas, o que assusta diante dos múltiplos fatores que são encontrados nesse contexto.

Para que se obtenha informações acerca desse tema, é necessária uma revisão de literatura, em que os autores descrevam as penúrias e desinteresses encontrados na sociedade diante da questão que envolve os homossexuais mais velhos, emergindo

alguns fatores importantes que estão no cotidiano da comunidade homossexual como a resistência, a falta de conhecimento que criam um ambiente de preconceito diante do tema.

Maki (2005) agrega o fato de que o preconceito social acaba inibindo muitos homossexuais, de forma a ocultarem seus desejos, fantasia e impulsos sexuais, sendo taxados como perversos, portadores de uma doença, excluídos, entre outros, mas mesmo com esses temores alguns se arriscam de forma insistente em busca de um companheiro (a), com intuito de alcançar bem-estar, força física e emocional.

No que diz respeito à religião, esta acaba influenciando de modo negativo o pensamento dos indivíduos quanto à significação atribuída à família homossexual, com o argumento de que isso soa como atentatório ao caráter “sagrado”, dificultando ainda mais a aceitação da sociedade (ZAMBRANO, 2006). Para Pereira (2004), a explicação religiosa possui como fundamento apontar o homossexual como uma pessoa que não segue a palavra de Deus, e que por isso, não possui força espiritual e religiosidade para conseguir resistir as tentações.

Os indivíduos da terceira idade passam por muitas dificuldades relacionadas à vida, em meio a este contexto surge uma nova questão a ser levada em consideração, a homossexualidade. Podemos observar que muitos idosos estão se percebendo na homossexualidade, causando conflitos familiares no meio em que vivem, pois muitos têm filhos e foram casados por anos, afetando ainda mais sua vida.

A homossexualidade possui alto poder de gerar discussões nas famílias, meios sociais e na política, pois existe um grande preconceito em torno da classe. Esse conceito também é colocado pelo Dicionário do Pensamento Social do Século XX: “[...] um julgamento prévio, rígido e negativo sobre um indivíduo ou grupo, o conceito deriva do latim *prejudicium*, que designa um julgamento ou decisão anterior, um precedente ou um prejuízo” (OUTHWAITE e BOTTOMORE, 1993, p. 602).

Considerando que ao tornar pública a homossexualidade, há uma série de conflitos, tanto para quem torna público quanto para quem está em volta, surge então, uma preocupação em relação ao bem-estar e conflitos vivenciados neste período, como relata Guimarães (2009), os homossexuais enfrentam uma questão existencial: “ ser ou não ser”, em uma sociedade, que mesmo de maneira subentendida, avisa das perdas e dos prejuízos assumidos a partir da decisão, através de um discurso moralizador que desqualifica e distorce essa maneira de ser. Daí a questão: Como a orientação sexual pode afetar a construção de subjetividade dessas pessoas, estando elas na terceira idade?

Levando em consideração o questionamento acima, buscamos problematizar não somente o social, mas impulsionar o interesse dos psicólogos na busca de maiores informações sobre tais indivíduos, a fim de conhecer melhor a população que mais cresce no mundo.

A Psicologia social e a atuação do Psicólogo

A psicologia social surge em 1908, com as publicações “*Social Psychology*”, a qual aborda conceitos como: costumes sociais, mente coletiva, conflitos e opiniões sociais; e de Edward Ross e “*An Introduction to Social Psychology*” de William McDougall, que faz referência a natureza biológica e características e comportamentos sociais, que se estendeu para o estudo da Psicologia Social. Em 1921, o primeiro livro sobre psicologia social foi lançado por Francisco José de Oliveira Viana, chamado “Pequenos estudos da Psychologia” fazendo menções a política e ao meio social (ARAÚJO, 2008).

É de grande importância ressaltar a criação das associações científicas, entre elas a “Associação Brasileira de Psicologia Social” (ABRAPSO), em 1980, e a “Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia” (ANPEPP), em 1983. A Psicologia Social em particular, deu um salto muito importante por meio dos encontros realizados, a fim de discutir e levantar assuntos relevantes para tal ciência humana (ARAÚJO, 2008).

O ser humano, desde o seu nascimento, necessita de um outro ser para sua sobrevivência, nessa interação ocorre sua primeira inserção em um grupo, a qual se repetirá durante toda a sua trajetória de vida. Durante todo o processo, o ser será colocado de encontro com normas/leis que direcionam o seu comportamento.

Segundo Lane (1994), cada grupo social normas estabelece a relação entre os indivíduos, podendo ser mais sutis ou restritas. Inicialmente, o progresso de algumas áreas como: sociologia, antropologia, a história social, a educação, a própria Psicologia e avanços na Psicologia Social em países da América Latina e Europa, contribuíram para pesquisas no campo psicossocial devido às condições históricas, econômicas mundiais e as demandas sociais (ARAÚJO, 2008).

A psicologia social apresenta um déficit nas pesquisas em relação ao preconceito contra a comunidade homossexual. Para Fleury e Torres (2007) essa falta de atenção

sobre o tema demonstra o interesse que a sociedade moderna direciona às questões relacionadas a homossexualidade de uma forma geral. Apesar de existir uma grande tentativa da comunidade em aumentar a sua segurança, como exemplo o programa “Brasil sem Homofobia”, que foi lançado em 2004, e atende casos que caminham entre a exclusão social até atos violentos contra a minoria, ainda são precárias as ações voltadas para o atendimento desse grupo social.

A necessidade de um aumento de estudos para essa classe, se dá ao analisarmos os resultados da pesquisa “Juventude e Sexualidade” (ABRAMOVAV, CASTRO e SILVA, 2004), realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A pesquisa aponta que 25% dos estudantes pesquisados de 14 capitais brasileiras, não gostariam de um colega de classe homossexual.

O psicólogo social, advém de uma postura profissional compromissada com tal realidade social, acompanhada da busca incessante da transformação no sentido das necessidades da comunidade, a fim de romper com a desigualdade social e ser capaz de intervir e mudar a realidade. Além disso, reconhece o homem como indissociável dos processos de socialização, entendendo o psiquismo manifesto como algo histórico e social (BOCK, 1999).

Existem diferenças individuais, visões classificatórias, noções abstratas de ser humano, uma noção de desenvolvimento, as quais permitiram que as condições sociais que são facilitadoras ou agravantes impeçam o “desenvolvimento” do indivíduo, resultando em uma capacidade de parecer invisível por detrás de discursos ideológicos abstratos (BOCK, 1999).

Toledo e Pinafi (2012) ressaltam que no século XVIII o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo biológico acarretou uma designação patológica vindo de profissionais da saúde, da área médica e psiquiátrica, sendo assim, intitulado o ato como “homossexualismo”, atribuindo a esse agrupamento da sociedade um olhar permanente de doentes a serem curados.

O termo “homossexualismo” surgiu em 1869 por um Médico Húngaro, chamado Benkert, mas a homossexualidade como doença só foi excluída do Manual de Diagnostico e Estáticas da Psiquiatria Americana (DSM) em 1973, após inúmeros debates. Nessa direção, cabe argumentar que a psicologia, mais especificamente os estudos em psicanálise, também tratou a homossexualidade por meio da perversão, criando uma estrutura clínica, rotulando o sujeito, sem conseguir estabelecer uma

distância entre o pensamento científico e a opinião social, que é formada com mitos e ideias pré-estabelecidas a respeito do tema.

Barbero (2005) relata que de acordo com considerações freudianas e lacanianas, a perversão corresponde a uma estrutura clínica semelhante a neurose e psicose. Há duas décadas a homossexualidade deixou de ser vista com um olhar patológico pelas ciências da saúde, em que, a psicologia traz a Resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), aprovada em 1999, em que a homossexualidade não é constituída por uma doença, distúrbio ou perversão (TOLEDO; PINAFI, 2017, p. 19).

Contudo, a população se refere aos homossexuais como um estigma, algo que gera um grande incomodo, visto que grande parte da população brasileira é homofóbica, e segundo o Grupo Gay da Bahia (2017) a cada 19 horas um LBGT morre de forma violenta, vítima da LBGTfobia, o que faz o Brasil se tornar campeão mundial de crimes contra as minorias. O Grupo Gay da Bahia relata ainda que em 2017 foi o ano em que os LBGTs mais morreram no Brasil, sendo um total de 445, e dentro desses, 387 foram assassinatos e 58 foram suicídios. Nunca na história desse país registraram-se tantas mortes, nos 38 anos que o Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta e divulga tais estatísticas, ocorreu um aumento de 30% em relação a 2016, quando se registraram 343 mortes.

A diante de um cenário opressor há uma diminuição no direito de homens e mulheres à cidadania e ao bem-estar social. Uma nota emitida em maio de 2018 pela ONU (Organização das Nações Unidas), relata que os homossexuais estão sofrendo com a falta de acesso a seus direitos econômicos, sociais e culturais, e estão sendo efetivamente deixados para trás e essa discriminação alimenta a violência.

A nova agenda de desenvolvimento da ONU, tem um projeto chamado “Não deixe nada para trás” como objetivo prescrever a produção e disponibilização de dados desagregados de alta qualidade, levanto em conta fatores de renda, gênero, idade, raça, etnia, status migratório, deficiências, localização geográfica e outras características que podem ser relevantes em contextos nacionais atuais.

Diante desse cenário que fora mencionado, a homofobia impacta de diversas maneiras sobre a comunidade homossexual e isso ocorre devido à heteronormatividade imposta pela sociedade, quando declara que todos devem ser heterossexuais e portar-se como um. Quando o sujeito não age da maneira condizente com essa expectativa, sofre estigmas e pode ser chamado como (doente, pecador, anormal, entre outros), além de ser coagido, humilhado, excluído e agredido verbalmente e/ou fisicamente (TOLEDO; PINAFI, 2017).

Em face de tal problemática, contamos com a contribuição do profissional psicólogo, sua atuação é regida pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo que está em vigor desde 2005, o qual foi criado com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos, tendo como princípio estabelecer padrões para as práticas exercidas pelos indivíduos enquanto atuantes do exercício profissional, com a finalidade de fazê-los refletir sobre suas práxis, se responsabilizando pelas ações e as consequências no exercício da profissão (CÓDIGO DE ÉTICA, 2014, p. 5).

O principal objetivo do código de ética não está relacionado à normatização das técnicas de trabalho, mas ao fortalecimento de um comportamento que demonstre a importância social daquela categoria, visando os valores relevantes para a sociedade e para a atuação exercida (CÓDIGO DE ÉTICA, 2014, p. 5).

Um dos princípios que conduz o Código de Ética Profissional do Psicólogo, situa que o trabalho do psicólogo será consolidado no respeito e na ascensão da liberdade, integralidade do ser humano, dignidade e da igualdade, fundamentando-se nos valores estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tal documento estabelece um trabalho que visa a promoção da saúde e a qualidade de vida dos indivíduos e das coletividades, colaborando para a eliminação de quaisquer formas de violência, negligência, opressão, exploração, discriminação e crueldade a qualquer indivíduo. O psicólogo deve atuar com responsabilidade social, avaliando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (CÓDIGO DE ÉTICA, 2014, p. 6).

Vale destacar que o psicólogo vê o campo sexual como uma construção social, considerando a cultura e a história de vida do sujeito, respeitando sua subjetividade e autonomia para que exerça poder sobre suas atitudes e sobre sua própria identidade (RIOS e NASCIMENTO, 2007).

Em seu artigo segundo, o Código de Ética destaca que ao psicólogo é vedado, “Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais” (CODIGO DE ÉTICA, 2005, p. 9).

Os terapeutas com a mesma orientação sexual que seus pacientes LGBT (Lésbica, Gay, Bissexual e Transsexual) tendem a ser empáticos, facilitando a familiaridade e compreensão no decorrer do tratamento. É importante destacar o cuidado que eles precisam ter para não se identificar demasiadamente com os problemas desses pacientes. Terapeutas heterossexuais que atendem paciente LGBT acabam

necessitando familiarizar-se com a cultura homossexual, expandido a consciência e visão crítica sobre os estereótipos e crenças contra esse público, procurando ganhar a confiança desse paciente (LEVOUNIS et al.2014).

Contextualizando a homossexualidade e o envelhecimento

Para que haja uma melhor compreensão sobre as dificuldades enfrentadas pelos homossexuais na terceira idade, partiremos do princípio conceitual dessa fase da vida em que outros obstáculos podem tornar essa vivência mais turbulenta. Ainda que algumas pessoas da terceira idade estejam em boa condição física, cognitiva e emocional, satisfeitas com sua qualidade de vida, existem outros fatores de grande influência na passagem dessa fase, como: saúde, nível socioeconômico, personalidade, trabalho, entre outros (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Essas experiências, dificuldades e papéis são diferentes no início e no final da vida. Essa fase é apontada com diferenças individuais e ampla escolha na trajetória de vida, em que uns se sentem mais livres e independentes por terem encaminhado seus filhos e deixado sua marca, já outros vivenciam momentos estáveis de domínio sobre suas vidas conforme vão assumindo vários papéis e árduas responsabilidades (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Existe a ideia de que corpos envelhecidos não possuem vez no mercado erótico, muito menos a vontade sexual. Nesse sentido é preciso compreender que:

A velhice é um fenômeno biológico, mas entendê-la só dessa maneira significa reduzir a questão e não a analisar em sua complexidade, o que implica não levar em conta aspectos psicológicos, sociais e culturais. Erra-se ao priorizar a condição biológica, como a formadora do comportamento e da saúde do indivíduo, os indivíduos não se sentem velhos em todos os contextos (LOPES (p. 23, 2000).

Socialmente, para muitas pessoas, tornar-se adulto envelhecido significa impotência sexual. Essa crença faz com que, quando a pessoa torna pública a homossexualidade na velhice, passa a ser taxada de termos pejorativos, como se a degeneração da aparência física incluísse o erotismo e a atratividade. Contudo, ao que parece, os indivíduos idosos envolvidos na prática da homossexualidade estão, grosso modo, marcados pelo silêncio e duplo estigma, que pesa sobre a idade e sobre a sexualidade em desvio, como afirma Becker (1977, 2008).

Passamos a falar sobre homossexualidade, entendendo que a orientação sexual faz parte da identidade individual, em que o sexo biológico, orientação do desejo sexual entre outros compõem essa identidade. Quando falamos sobre a orientação sexual estamos nos referindo a atração sexual, fantasias, comportamentos e prioridades emocionais e sociais.

Vieira (2009) traz em seu trabalho, uma contribuição que Freud fez em 1905, em sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em que, enfatiza que todos os humanos podem ter suas excitações sexuais voltadas para um objeto homossexual e que isso ocorre de forma inconsciente, apresentando a oposição da psicanálise diante do fato de destacar os homossexuais como um grupo diferente do resto da humanidade.

Júnior e Maio (2013) falam que não se pode definir a homossexualidade como sendo uma preferência, isso atribuiria o sentido de que é uma opção, excluindo os processos psicoculturais e subjetivos dessa orientação. Esse comportamento tornou-se um objeto de estudo amplo ressaltando questões que vão de política, saúde, meio social, até religião, entre outros estudos ligados a estes meios.

É surpreendente que ainda tenhamos tão pouca informação sobre as dificuldades arrostadas pelos homossexuais na terceira idade, são poucas pesquisas voltadas ao tema. Para Guimarães (2009), embora existam algumas pesquisas e o termo seja recente, a prática da homossexualidade existe desde os primórdios da humanidade, havendo diversas formas de abordar a situação.

Os discursos religiosos acerca da homossexualidade

Ao analisar o contexto histórico, podemos perceber como a Igreja modela a construção, controla e direciona, de diferentes formas como os homossexuais devem ser encarados pela sociedade. Bem como no estudo de Pereira (2004), que buscou avaliar como as diferenciações de explicações para a homossexualidade e as características sociocráticas, principalmente a religião das pessoas envolvidas no estudo, é a base do preconceito contra os homossexuais.

Enquanto na Grécia Antiga, os envolvimento sexuais entre os homens eram vistos como uma função social, atrelada as questões pedagógicas de constituição da cidadania e de ascensão dos sentidos, na Idade Média, por intermédio da dispersão do cristianismo pelo Oriente, atravessado pelo aparecimento da dominação política e

econômica construída pela Igreja Católica Apostólica Romana, esses envolvimento são vistos como pecado e abominação, trazendo em voga a leitura a partir de trechos da Bíblia lidos de modo literal. Todavia, essa forma de interpretação não considera a época histórica e a cultura em que esses textos foram construídos. Tanto o Antigo como o Novo Testamento estão servindo como justificativa para a reprovação dos homossexuais pelas igrejas, sendo Gênesis, Coríntios e Levítico são os trechos mais usados (MESQUITA E PERUCCHI, 2016).

Em muitas falas construídas no meio social, são citados trechos da Bíblia como aparelhos prescritivos de comportamentos recriminatórios para as práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo/gênero, englobando os espaços políticos, configurando um desrespeito a laicidade do Estado (MESQUITA E PERUCCHI, 2016). É errôneo antecipar que a identidade de gênero de um sujeito é baseada no sexo biológico que ele possui, ou no destino de seus desejos, pois tais construções são distintas, sem relação causal (BUTLER, 2009).

Demonizar a homossexualidade é mais uma das práticas exercidas pelos discursos religiosos, sobretudo o evangélico. Segundo Natividade e Oliveira (2004); Vital Da Cunha e Lopes (2013), os discursos das igrejas pentecostais abarcam um olhar para as atividades homossexuais como resultantes de invasões demoníacas e possessões, destacando-se como um problema espiritual. Para que esses problemas fossem solucionados, a igreja pregava que a confissão, o reconhecimento do pecado e aceitação de Deus como salvador da alma, única forma de libertação.

Em relação à postura das igrejas cristãs no Brasil, diante das relações homoafetivas, três classificações são expostas: a primeira é a não aceitação da homossexualidade, considerando-a como impura e antinatural; a segunda diz respeito à aceitação da postura homossexual, mas avaliando-a inferior à heterossexualidade e; a terceira, que denota à homossexualidade o mesmo padrão de dignidade que a heterossexualidade (JURKEWICZ, 2005). O posicionamento que é mais usado, refere-se à homossexualidade estar em um nível inferior na classe das sexualidades, servindo como pretexto para o uso de aparelhos religiosos regulatórios e repressores contra os/as homossexuais (RUBIN, 2003).

Mesquita e Perucchi (2016) apresentam como mais um discurso utilizado pela religião, que a prática homossexual é constituída por intermédio da aprendizagem ou imposição instaurada como contraposição à heterossexualidade, que é entendida como

natural e biologicamente feita por Deus, sendo os relacionamentos homoafetivos o fim da humanidade e da família.

No contexto brasileiro, existem muitas ações parlamentares no Congresso Nacional, construídas pela bancada religiosa, com destaque ao ataque sobre o PLC122/2006, que busca a criminalização da homofobia, o PDC234/2011, que procura sustar artigos construídos por uma resolução do Conselho Federal de Psicologia e o acometimento ao “kit antihomofobia”, produzido pelo Ministério da Educação (VITAL DA CUNHA E LOPES, 2013). A transgressão de direitos de indivíduos LGBT, em conjunto com a deslegitimação de projetos antipreconceito, de identidade social, adoção, direitos previdenciários, entre outros, aludem ao não reconhecimento dessas pessoas como gente (MESQUITA e PERUCCHI, 2016).

Os desafios para quem torna pública a homossexualidade

O momento em que o sujeito resolve falar sobre sua homossexualidade pode ser difícil, alguns podem lidar melhor com a situação e conviver abertamente, constituindo relacionamentos, enquanto outros ainda estarão ordenando conflitos com os familiares, em alguns casos com os cônjuges ou filhos ou tentando esconder a homossexualidade deles (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Segundo Papalia e Feldman (2013), os homossexuais que já estão na terceira idade podem apresentar sintomas depressivos caso tenham internalizado visões negativas sobre a homossexualidade ou atitudes homofóbicas quando estavam crescendo, porque essas situações afetam seu autoconceito geral e o aumento desses sintomas podem ocasionar maiores dificuldades nos relacionamentos.

Os homens que não tornam sua homossexualidade pública até a terceira idade podem passar por procuras apazadas da identidade, em que a culpa, os segredos, relacionamentos conflituosos e casamento heterossexual ficaram atrelados a essa procura. Mesmo os que assumiram ainda na juventude acabam enfrentando barreiras sociais, socioeconômicas e até mesmo de idade dentro da comunidade LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais E Transgêneros); (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Conforme o artigo XXVII da Declaração dos Direitos Humanos, os direitos homossexuais, especialmente dos idosos homossexuais, são ignorados. Algo que acarreta a limitação da participação no procedimento científico e dos prováveis benefícios que poderiam auferir. Silva (2007) ainda expõe o fato de que uma porcentagem desconhecida de idosos solteiros, mulheres e homens, é homossexual.

Outro ponto a ser exposto é a família, considerada a instituição mais antiga da sociedade, consistindo no primeiro espaço a promover a satisfação das necessidades básicas das pessoas, assim como o desenvolvimento da personalidade e da socialização (SALOMÉ, ESPÓSITO e MORAES, 2007). Existe um alto índice de vulnerabilidade social do grupo homossexual diante da violência física e especialmente moral. Nesse contexto, idosos casados exibem melhores níveis na satisfação de viver, mais recursos econômicos, apoio social, saúde física e mental e interação social.

Por intermédio da construção de casais conjugais, em que os membros comumente se intitulam como uma família, os homossexuais começam a desligarem-se dessas representações sociais, solicitando não somente o direito à cidadania, como um indivíduo, mas, também, o direito à composição de grupos familiares, agregando-se ao rol de sujeitos sociais que possuem demandas (MELLO, 2005). A ausência de concepção de entidades familiares por homossexuais acaba abstando-os desses direitos e do mais importante, uma rede de suportes e cuidados.

O rompimento das classificações estigmatizantes deve ser levado em consideração, pois ele propõe transformar a identidade requerida numa identidade respeitada socialmente, em que o fato de ser homossexual conduz a uma logística da identidade social que permite uma estabilização entre a adjacência e as práticas dos indivíduos, como: uma consignação de mundos separados de trocas sociais, as acolhidas e as interditas, assim como o que se pode falar de si e quando não se pode falar nada (ANJOS, 2002).

Os homens homossexuais idosos estão sentindo-se mais seguros nas abordagens sexuais, tal fator deve-se a maior disponibilidade de medicamentos estimulantes, como o Viagra, esse aumento no número de investidas sexuais trouxe problemas consigo, virando manchete nos jornais, em que se destacam um notório crescimento nos dados sobre a epidemia de AIDS entre outras doenças sexualmente transmissíveis (MOTA, 2009).

Se na população masculina está presente o estigma social do envelhecer e de ser homossexual, a mulher carrega durante toda a sua vida o tabu construído em torno da

sexualidade e suas formas de se expressar. Para o autor Góis (1991), a mulher é educada em uma sociedade onde a virilidade e o prestígio estão ligados ao fato de ser homem, e dessa maneira são criadas para agirem como filhas e mães, mas sem se tornarem mulheres. Outro autor, traz que a mulher brasileira é criada para servir, sendo obediente e focada em ter uma vida com o marido e filho, sendo preparada desde criança para tal destino, mas ao chegar na adolescência tem que controlar seus desejos sexuais, criando a ideia de que o que anseia realizar é errado (DIAMANTINO et al, 1993).

Maki (2005) destaca que o homossexual idoso pode em alguns casos buscar desvairadamente um companheiro, levando em conta sua realidade de perdas, com intuito de encontrar bem-estar, força física e emocional, podendo proporcionar saúde e felicidade a esse companheiro, uma vez que carrega consigo experiências e manifestações de longevidade e amor.

Segundo Oliveira (2014), no Brasil, o arquétipo de corpo jovem é abundantemente valorizado enquanto o corpo velho é muito discriminado, o que acaba originando preocupação nas mulheres mais velhas, devido às marcas de expressão e a perda da força na atração sexual. Outro fator trazido pelas mulheres homossexuais da atualidade, está relacionado ao papel que cada uma exerce no relacionamento homoafetivo, em que antes uma tinha o papel de homem e a outra o papel de mulher, agora elas têm dificuldades até de identificar fisicamente outra mulher intitulada lésbica.

Segundo informações expressas por Santos (2007-2018) o surgimento do grupo Somos, em 1978, é estimada como o símbolo do início da batalha política dos homossexuais em São Paulo e no Brasil, ou seja, a atual geração dos idosos homossexuais abriram passagem para uma reprodução identitária de afirmativa política e de luta contra o preconceito e a violência aos homossexuais. Algumas ocasiões históricas no segmento social arrolado aos idosos homossexuais são destacadas por Mota (2014), como a construção de ambientes voltados para o público homossexual nas cidades brasileiras, a batalha pelo reconhecimento social e civil, o alcance do evento da Parada LGBT, entre outros.

Considerações Finais

Diante das perspectivas que apontam para o aumento considerável da população da terceira idade, torna-se de extrema importância abordar questões voltadas a essa

população, tendo em vista que se o envelhecimento já não é tema público, tampouco a homossexualidade. Torna-se necessária a exposição das dificuldades e inibições vivenciadas por esses indivíduos que lidam com dois impasses, o de estar envelhecendo e o de ser homossexual.

Para que fosse possível descrever de forma clara esse tema, algumas questões foram expostas, pré-definidas como sendo as mais relevantes no processo do envelhecimento dos homossexuais, nas quais estão: o preconceito social e familiar, a busca pela estabilidade afetiva, o convívio em sociedade e a influência da religião.

No processo de envelhecimento é possível notar algumas baixas nas condições físicas e mentais em alguns indivíduos, aqueles que tiveram uma vida mais agitada, livre de tantas repressões e problemas, com possuem maior facilidade para encarar as fases da velhice, entretanto, aos que vivem em constante conflito sexual, buscando parceiros sem obter sucesso, o medo de ficar sozinho aumenta com o passar dos anos, tornando ainda pior o fato de estar ficando velho. Ao mesmo tempo em que as limitações estão chegando, alguns idosos buscam melhoras com o uso de medicamentos, muitos querem manter seu apetite sexual.

Talvez esteja mais que na hora de vir à tona que a população está envelhecendo sim, e que os homossexuais nesta fase precisam de ajuda, de conforto e respeito advindo da sociedade e da própria família. Novas leis que busquem trazer a igualdade para esses grupos podem ser elaboradas e postos em prática, para que assim haja a possibilidade de novos contextos familiares, validando novos direitos e se fazendo cumprir os existentes.

É fato que o processo de envelhecimento é uma fase muito desgastante e degenerativa, perdas estarão presentes ano após ano, sendo que tudo se torna mais fácil quando estamos recebendo apoio e carinho das pessoas. O julgamento sobre o que é certo e errado é totalmente subjetivo, e isso não atribui ao outro o direito de não aceitar e julgar. É necessário, sim, aprender a lidar com questão de forma a contribuir significativamente para um melhor convívio em sociedade. Nesse bojo é preciso destacar que leis foram feitas para serem seguidas e que respeito ao próximo é uma questão de bom senso.

O fator determinante para mudar a situação atual em que os idosos, tanto homossexuais quanto heterossexuais, estão vivendo, é a idealização de que somos todos dependentes um do outro, mesmo quando o outro não tem muito tempo de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam., Castro, Mary Garcia, SILVA, Lorena Bernadete. Brasília. **Juventude e sexualidade** /: UNESCO Brasil, 2004.

ANJOS, Gabriele. **Homossexualidade, direitos humanos e cidadania**, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a10n7.pdf>>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

ARAÚJO, Márcia Antônia Piedade. Psicologia social no Brasil: um pequeno resgate. Trabalho apresentado na Mesa Redonda **“Psicologia Social no Brasil: percursos e possibilidades de atuação”** do VIII Encontro Humanístico Nacional, São Luís, 2008. Disponível em:<<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/ARAUJO-Psicologia-Social-no-Brasil.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2018.

BARBERO, Graciela Haydée. **A psicanálise e os modernos movimentos de “afirmação homossexual”**, 1999. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000200007>. Acesso em: 10 de novembro de 2017.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008. _____. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 4, n. 2, p. 315-329, Dec. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

BUTLER, Judith. (2009). Desdiagnosticando o gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 19(1), 95-126. <Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n1/v19n1a06.pdf>>. Acesso em: 28 de maio de 2018

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP - Brasil). **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2014, p. 6, 9 e 10).

DIAMANTINO, E.M.V. et al. **Aspectos básicos da sexualidade humana na parte clínica**. Parte I.Femina, v. 21, n. 10, 1993a

FUTINO, Regina Silva; MARTINS, Simone. **Adoção por homossexuais – uma nova configuração familiar sob os olhares da psicologia e do direito**, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300014>. Acesso em: 18 de novembro de 2017.

FLEURY, Alessandra Ramos Demito e TORRES, Ana Raquel Rosas. Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. **Estud. psicol. (Campinas)** [online]. 2007, vol.24, n.4, pp.475-486. ISSN 0103-166X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400007>>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório de mortes violentas de LGBT no Brasil**. 2017

GUIMARÃES, A. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia** [en linea] 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751434023>>. Acesso em: 22 de maio de 2018.

GÓIS, M.M.S. **Aspectos históricos e sociais da anticoncepção**. Reproduo, v. 6, n. 3, 1991

JÚNIOR, Isaias Batista de Oliveira; MAIO, Eliane Rose, 2013. **Opção ou orientação sexual: onde reside a homossexualidade?** 2013. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/anais/pdf/diversidade_sexual/3-02.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

JURKEWICZ, Regina Soares. Cristianismo e homossexualidade. In M. P. GROSSI et al. (Orgs.), **Movimentos sociais, educação e sexualidade (pp. 45-52)**, 2005. Rio de Janeiro: Garamond.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 39) 6 a reimpr. da 22a . ed. de 1994. ISBN 85-11-01039-4.

LEVOUNIS, Petros.; DRESCHER, Jack.; BARBER, Mary E. **O livro de casos clínicos GLBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014. 319 p.

LIMA, Prince Vangeris. Silva. Fernandes. **Homossexualidade na terceira idade: revisão de literatura**, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22954/16477>>. Acesso em: 15 de junho de 2018.

LOPES, R.G da C. **A saúde na velhice**. São Paulo. Educ. 2000.

MAKI, Mirian Akemi. **Reflexões sobre o processo de envelhecimento em homossexuais masculinos**, 2005. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/2/TDE-2005-10-13T16:36:12Z-1461/Publico/DISSERTACAO_MIRIAN.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

MELLO, Luiz. **Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil**, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100010>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

MESQUITA, Daniele T; PERUCCHI, Juliana. Não apenas em nome de Deus: Discursos religiosos sobre homossexualidade. **Revista Psicologia & Sociedade**, 28 (1), 105 – 114. Ano: 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n1/1807-0310-psoc-28-01-00105.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2018.

MOTA, Murilo Peixoto. **Homossexualidade e Envelhecimento: Algumas reflexões no campo da experiência**, 2009. Disponível em: <http://www.adital.com.br/arquivos/artigo%20-murilo_da_mota_artigo%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.

MOTA, Murilo Peixoto. **Ao sair do armário, entrei na velhice...Homossexualidade masculina e o curso da vida**, 2014. Disponível em: <<http://mobileditorial.com.br/wp-content/uploads/2014/12/MOB030AO-SAIR-DO-ARMARIO.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2018.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares e OLIVEIRA, Leandro. Algumas tendências recentes nos discursos evangélico e católico sobre a homossexualidade. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, 11(22), 1-5, 2004.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Thomas. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro, 1993: Jorge Zahar Editor

Organização Geral das Nações Unidas, ONU. **População LGBT tem acesso reduzido a direitos sociais, econômicos e culturais**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/populacao-lgbt-tem-acesso-reduzido-a-direitos-sociais-economicos-e-culturais-dizem-relatores/>>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

OLIVEIRA, Jaqueline. Pereira. Percepções de mulheres autointituladas lésbicas na velhice. **Psicologia em foco**. Vol 04, 2014.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**, Porto Alegre, v. 12, pg. 558, 559, 572 e 573, 2013.

PEREIRA, Anelyse Dos Santos Lira Soares Pereira. **Representações sociais do homossexualismo e preconceito contra homossexuais**. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS SCS Quadra 9 - Ed. Parque Cidade Corporate - Torre A - 9º andar - CEP: 70308-200 – Brasília - DF Coordenação Geral dos Direitos do Idoso Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentoonoBrasil.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

RIOS, Felipe Luís, NASCIMENTO, Ítala Fabiana. **Homossexualidade e psicoterapia infantil – possibilidades e desafios para a construção dos direitos sexuais na clínica psicológica**. Revista Psicologia Política 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/printarticle.php?id=36&layout=html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2017.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, 21, 01-88, 2003.

SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. Mobilizações homossexuais e estado no Brasil: São Paulo (1978 – 2004). **Revista brasileira de ciências sociais**, vol. 22, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100010>. Acesso em: 27 de maio de 2018.

SALOMÉ, Geraldo Magela; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha; MORAES, Ana Lúcia Horta. **O significado de família para casais homossexuais**, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000500014>. Acesso em: 29 de março de 2018.

SILVA, Anna Cruz de Araújo Pereira. **O idoso homossexual e a gênese do direito ao afeto**, 2007. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiRkIz_8qnJAhWMLZAKHU43CfMQFggkMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.upf.br%2Fseer%2Findex.php%2Frbceh%2Farticle%2Fdownload%2F>

137%2F109&usg=AFQjCNHxoDIR_4FU5NTibRHza_VyRgXUA&sig2=xNFc6m7hsTR9XLMGmIG4ZQ&bvm=bv.108194040,d.Y2I>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.

TOLEDO, Livia Gonçalves, PINAFI, Tania. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psicol. clin.** vol.24 no.1 Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100010>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Revista mal-estar e subjetividade**, vol. 9, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006>. Acesso em: 23 de abril de 2018.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, Paulo Vitor Leite. **Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes antropológicos**, vol. 12, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200006>. Acesso em: 12 de junho de 2018.